



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 34 – maio de 2025

<http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2025i34p46-66>

**O uso da literatura em língua portuguesa no meio político do século
XIX: uma análise da correspondência do imperador Pedro II¹**

**The use of Portuguese-language literature in nineteenth-century
political circles: an analysis of Emperor Pedro II's correspondence**

*Larissa de Assumpção**

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a maneira como o imperador Pedro II mobilizava textos em língua portuguesa em sua correspondência com literatos do Brasil e do exterior. Dessa forma, pretende-se contribuir para as investigações sobre a História do Livro e da Leitura (Chartier, 2011) e sobre a circulação de impressos no século XIX (Abreu, 2016). A análise tem como base algumas das 200 cartas trocadas entre Pedro II e 11 escritores entre os anos de 1851 a 1879. Três diferentes aspectos serão abordados: a formação da imagem de Pedro II como monarca culto e letrado; a mobilização da literatura em língua portuguesa em sua correspondência e as menções às traduções feitas pelo próprio imperador em cartas enviadas a escritores estrangeiros. Conclui-se que a mobilização frequente de obras em língua portuguesa em sua correspondência permitiu que Pedro II construísse uma rede de apoio político e literário em torno de si.

PALAVRAS-CHAVE: Circulação de impressos; Política; Leitura; Família Imperial Brasileira; Obra literária

ABSTRACT

This text aims to analyze the way Emperor Pedro II mobilized texts in Portuguese to develop political and cultural relations with Brazilian and foreign writers and intellectuals. It aims to contribute to research on the History of Books and Reading (Chartier, 2011) and on the transatlantic circulation of books in the nineteenth century (Abreu, 2016). The main source of analysis consists of excerpts from the correspondence sent by Pedro II to eleven writers between 1851 and 1879. Three different aspects will be discussed: the formation of Pedro II's image as a cultured and literate monarch; the mobilization of Portuguese-language literature in letters exchanged with intellectuals, and the allusions to translations made by the emperor in letters sent to foreign writers. The conclusion is that the mobilization of books written in Portuguese allowed Pedro II to build a network of political and literary support around himself.

¹ Pesquisa financiada pela Fapesp (projeto nº 2023/07967-6).

* Universidade de São Paulo – USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas; Programa da Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemã – São Paulo – SP – Brasil – larissadeassumpcao@gmail.com



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 34 – maio de 2025

KEYWORDS: Circulation of printed matter; Politics; Reading; Brazilian Imperial Family; Literary work

A figura do imperador brasileiro Pedro II é frequentemente associada ao seu contato com as ciências e com as letras. Em biografias publicadas ainda no século XIX e que mencionam a sua infância, ele é comumente retratado como um menino interessado e muito estudioso, que sempre se dedicou com afinco ao “apaixonado estudo dos idiomas, da historia, da geographia, das mathematicas, da religião, das sciencias positivas, e naturaes, da litteratura, bem como das bellas artes, desenho, pintura, etc.”² (Campos, 1871, p. 21). Essa aplicação teria se refletido na sua pessoa adulta, descrita pelo biógrafo Joaquim Pinto de Campos (1971, p. 23) como alguém que tem domínio de todas as ciências: “[...] as sciencias physicas, a historia natural [...] as mathematicas, a astronomia, são disciplinas de sua predileção [...]. Faz as suas delicias a litteratura em geral, sendo cabal conhecedor da classica, e da franceza, italiana, ingleza, allemã”.

Em biografias mais recentes, destaca-se o processo de construção da imagem desse imperador, moldada para associá-lo à figura de um líder que levaria ao Brasil rumo a um futuro glorioso. Segundo Lilia Schwarcz (1998), isso permitiria que o monarca representasse a independência e a união dos brasileiros e que fosse tido como diferente de seu pai, cuja imagem não era bem-vista no Brasil. Talvez por isso, Pedro II sempre tenha aparecido, em registros da época, “descrito em atitude séria e compenetrada, voltado para os seus estudos” (p. 57).

A construção dessa imagem foi benéfica ao imperador, que, durante a vida, fez uso dela para estabelecer relações com intelectuais que pudessem trazer a ele apoio político e conhecimentos científicos ou literários. Essas relações eram mantidas especialmente por meio da correspondência trocada entre Pedro II e literatos que eram relevantes em seus países, com os quais havia travado conhecimento em suas viagens ou por meio de terceiros. Entre eles estão alguns autores de destaque em suas épocas, como Alessandro Manzoni, Alexandre Herculano, Arthur de Gobineau, Camilo Castelo Branco, Cesare Cantù, John Greenleaf Whittier e Henry Wadsworth Longfellow. Grande parte das cartas recebidas pelo imperador entre os anos de 1851 e 1889 estão preservadas no Arquivo da Casa Imperial do Museu Imperial de Petrópolis, no Rio de Janeiro. A análise desses documentos traz indícios sobre as práticas de leitura e de estudo de Pedro II, colaborando para os estudos sobre a História do Livro e da Leitura (Chartier, 2011), além de revelar a maneira como ele utilizou a literatura em língua portuguesa como estratégia política no século XIX.

² A ortografia e a pontuação das citações feitas no texto respeitam aquelas presentes nos documentos originais ou nas publicações das quais foram retiradas.

1 Práticas de leitura e a construção da literatura nacional: relações de Pedro II com autores de língua portuguesa

Pedro II começou a agir mais ativamente na política no final da década de 1840, quando o período formal de sua educação já havia sido finalizado. Sob o comando do Marquês de Itanhaém³, que atuou como seu tutor entre 1833 e 1840, o imperador havia realizado estudos intensos durante a sua infância. Sua formação foi inspirada tanto pela educação doméstica tradicional das monarquias europeias – que incluía, por exemplo, o aprendizado de religião, do latim e da literatura clássica – quanto pelas mudanças implantadas entre o final do século XVIII e o início do XIX, em que as chamadas ciências experimentais foram incluídas tanto no currículo dos nobres quanto no ensino público da Europa e do Brasil (Assumpção, 2023).

Essa grande dedicação aos estudos não foi feita ao acaso. Em Portugal, a importância da imagem letrada dos reis – pois dela dependia a imagem externa do reino – já existia há vários séculos. Um exemplo disso é a formação, ainda no século XV, da Real Biblioteca, um extenso acervo que funcionava como símbolo de erudição e de cultura e que “fazia parte dos louros e da própria representação oficial do Estado”, expressando tanto “o interesse dos monarcas portugueses pelo livro” quanto “as vantagens simbólicas que um acervo como aquele trazia” (Schwarcz, 2002, p. 32). Esse pensamento foi transmitido ao longo do tempo e, no reinado de João V, no século XVIII, parte do ouro vindo das colônias foi utilizado para investir em um esplendor cultural para o país. O acervo da Real Biblioteca foi então ampliado e adquiriu proporções grandiosas, pois continuava intimamente associado à figura do rei (Schwarcz, 2002), o que fez com que grande parte dele fosse enviada ao Brasil após a vinda da Coroa em 1808 (2002).

Era antiga, portanto, a preocupação de mostrar que os monarcas europeus eram amigos das Letras, de forma a promover a cultura de seu reino e de valorizar a imagem das nações que estavam em formação. Antes de seu nascimento, Pedro de Alcântara já tinha sua imagem intimamente atrelada àquilo que se desejava para o Brasil, e a cerimônia

³ Manuel Inácio de Andrade Souto Maior Pinto Coelho, o marquês de Itanhaém, assumiu a tutoria de Pedro II e de suas irmãs em 1833, após José Bonifácio ser destituído do cargo. Na época, o marquês, então com 50 anos, era relevante na corte e já havia atuado como senador na província de Minas Gerais, como gentilhomen na Câmara imperial e como alferes-mor na coroação e na sagração do primeiro imperador (Blake, 1900).

pública que acompanhou seu nascimento foi repleta de simbolismos sobre a nação recém-independente⁴.

Esse contexto fez com que o plano para educar um monarca que levaria o Brasil rumo a um bom futuro fosse objeto de debates e de discussões durante sua infância. O jovem imperador realizou, na década de 1830, o estudo formal de mais de 10 disciplinas, entre as quais estavam a geografia, a história, as ciências naturais, a música, a esgrima, a caligrafia, o desenho, a pintura e também as línguas francesa, italiana, alemã e inglesa (Assumpção, 2023; James, 1952). Seu tutor, o marquês de Itanhaém, prestava frequentemente contas de questões relativas à educação de seu pupilo, e seus relatórios às vezes eram veiculados pela imprensa⁵. Seus mestres também escreviam notas periódicas sobre o desempenho do imperador nos estudos das variadas disciplinas⁶.

O ensino formal do jovem monarca foi interrompido apenas em julho de 1840, quando Pedro II contava com 14 anos de idade e sua maioridade foi oficialmente declarada. Na ocasião, que tinha como pano de fundo o conturbado período das Regências (Morel, 2003), a insatisfação e a divisão entre os políticos fizeram com que a ideia de colocar rapidamente o herdeiro – representante de um poder imparcial e forte – no trono fosse vista como uma medida de salvação pública (Lyra, 1938-1940, p. 118-120). A partir desse momento, a imagem do imperador como um governante sábio começou a ser reforçada com base em elementos que estariam sempre presentes em suas aparições oficiais: “[...] o porte impassível, a cautela nas palavras, o caráter enigmático e pouco suscetível” (Schwarcz, 1998, p. 94).

Foi nessa época que o imperador passou a assumir “uma postura mais ativa junto ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro” (Schwarcz, 1998, p. 137-138) e procurou “formar uma geração de intelectuais e de artistas [...] que passaram a refletir sobre uma nacionalidade brasileira” (p. 137-138). Nos anos seguintes, muitas de suas ações e aparições públicas foram guiadas pelo objetivo de “assegurar não só a realeza como

⁴ Essa cerimônia está descrita em um documento intitulado “Programa para as funções do nascimento e batismo de S.A. o Príncipe Imperial”. Ver *Infância e adolescência de d. Pedro II* (1925).

⁵ Em uma nota publicada no Correio Oficial em 27 de maior de 1839, por exemplo, o marquês fez um relatório dos progressos de Pedro II e afirmou que os mestres Pedro Boiret (mestre de francês), Simplicio Rodrigues de Sá (desenho e pintura) e Lourenço Lacombe (dança) havia falecido e que, por isso, o ensino de francês e de pintura passou a ser realizado por Félix-Émile Taunay e que o de dança foi dispensado por não ser mais considerado necessário (*Relatório do Tutor de sua Majestade Imperial e Altezas*, 1839).

⁶ O plano de ensino escrito pelo marquês de Itanhaém foi publicado sob o título de *Instruções para serem observadas pelos Mestres do Senhor D. Pedro II, imperador constitucional e defensor perpétuo do Brasil, dadas pelo marquês de Itanhaém, tutor do mesmo augusto senhor* (Itanhaém, 1838).

destacar uma memória, reconhecer uma cultura” (p. 178), o que o levou a construir relações cada vez mais sólidas com a cultura e a ciência internacional.

No caso do Brasil, Pedro II utilizou alguns autores de língua portuguesa para dialogar e pensar a literatura que estava sendo feita no Brasil. Esse é o caso do escritor brasileiro Gonçalves Dias, que foi encarregado, na década de 1850, de copiar documentos históricos em arquivos portugueses e de viajar para outros países europeus com o objetivo de estudar métodos de ensino escolares que pudessem ser aplicados no Brasil. Em suas cartas, era comum que Dias trouxesse opiniões sobre algumas obras publicadas no período, e seus comentários normalmente estão relacionados à personalidade dos autores, ao estilo da escrita e à recepção dos livros⁷. Essas opiniões interessavam a Pedro II, que, nesse momento, tentava compreender o lugar da literatura de língua portuguesa no cenário internacional e pensar em estratégias para promovê-la.

Foi com o objetivo de formar uma literatura nacional brasileira que Pedro II financiou diretamente a publicação de *A Confederação dos Tamoios*, obra escrita por Gonçalves de Magalhães e mencionada em sua correspondência com Dias. Impressa em 1856, ela contava com uma dedicatória “à Sua Majestade Imperial, o Senhor D. Pedro II, Imperador Constitucional e defensor perpétuo do Brasil” (Magalhães, 1856). O poema épico tinha como objetivo divulgar um mito nacional de fundação, utilizando, para isso, a figura de indígenas retratados como heróis corajosos e capazes de atos de sacrifício.

Sua publicação gerou opiniões diversas por parte dos literatos do Rio de Janeiro, e já são bem conhecidas as cartas publicadas por José de Alencar no *Diário do Rio de Janeiro*, entre 18 de junho e 15 de agosto de 1856, nas quais criticava o enredo e o estilo da obra de Magalhães (Alencar, 1856). O imperador, além de responder a esses ataques com artigos publicados no *Jornal do Comércio* (Alcântara, 1856), também utilizou Dias para saber o impacto que havia gerado em terras portuguesas. Em carta de setembro de 1856, o escritor expressou a opinião pouco favorável que se tinha sobre o poema:

[...] em Portugal não parece ter produzido o maior efeito: independente de outras causas, duas há que bastariam e de sobra para esse resultado: a primeira é que nem todos estão com o espírito tão livre de preconceitos que possam apreciar a grandeza selvagem da poesia americana; a outra e principal é que o sr. Magalhães põe na boca de seus heróis algumas expressões que os filhos do ‘Portugal vencedor, nunca

⁷ Em carta enviada em dois de agosto de 1854, por exemplo, Dias escreveu sua opinião sobre o livro *Da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal*, de Alexandre Herculano, afirmando que seu estilo era “claro e fácil, ainda que não tão pomposo como de costume”. Ver Dias *apud* Cartas, 1950, p. 223.

vencido’ não podem tolerar, e menos procedentes de um tapuia (Dias *apud* Cartas, 1950, p. 252).

Em sua opinião, haveria uma resistência por parte dos portugueses ao poema, que retratava alguns aspectos da colonização de maneira desfavorável e utilizava expressões e palavras que não eram comuns em Portugal. Além disso, o autor de *Suspiros Poéticos* “não tinha direito a esperar mais do que ele com seu poema nos oferece” (Dias *apud* Cartas, 1950, p. 252), e a obra era cheia de defeitos com sua “[...] versificação frouxa, de quando em quando imagens pouco felizes, a linguagem por vezes menos grave, menos própria de tal gênero de composições, e o que entre esses não é para mim menor defeito, o tamoio não tem muito de real nem de ideal” (p. 252).

Para corroborar sua opinião, Dias narrou uma ocasião em que estava na casa de Alexandre Herculano, e os méritos de Magalhães estavam sendo discutidos: “[...] estávamos uma meia dúzia em casa do Sr. Herculano, e eu tratava de defender o nosso poeta, que estava ali sendo vítima de exageradas censuras” (Dias *apud* Cartas, 1950, p. 254). Na ocasião, ele recitou o início de uma ode de *Suspiros Poéticos*, e “[...] o sr. Herculano, que não entrava na discussão, abriu o volume, leu duas coisas, e achando alguma que não lhe agradava, voltou-se para mim com alguma vivacidade, mandando-me que matasse ao meu colega” (p. 254-255).

A missiva de Gonçalves Dias traz indícios de que, mesmo entre os escritores que eram apoiados por Pedro II, as opiniões sobre a obra de Magalhães não eram unânimes e, em alguns casos, iam ao encontro dos aspectos levantados por Alencar em sua crítica. A obra gerou opiniões diversas em Portugal e, nos meses seguintes, o imperador parece ter desejado saber de forma mais aprofundada a opinião de Alexandre Herculano sobre ela, pois o autor português lhe enviou uma longa carta em seis de dezembro de 1856, na qual mencionava todos os problemas encontrados por ele. Entre eles, estavam, por exemplo, os “[...] longos períodos de versos ásperos ou lânguidos, e até viciosamente metrificadas sem motivo nem vantagem, sinalefas violentas, hiatos malsoantes, neologismos e solecismos” (Herculano *apud* Sodré, 1947, p. 122). Esses problemas seriam “[...] manchas, não só num poema como a *Confederação dos Tamoios*, mas em qualquer composição lírica” (Herculano *apud* Sodré, 1947, p. 122). Apontou, ainda, aspectos linguísticos que apareciam no poema e que seriam considerados erros gramaticais em Portugal, como a colocação pronominal: “[...] em Portugal ninguém poderia dizer sem

riso dos circunstantes ‘Não dou-te a índia’. A frase correta seria: ‘Não te dou (ou melhor: não te entrego) a índia’” (p. 121-122).

Esses trechos indicam como as missivas recebidas por Pedro II de autores estrangeiros traziam a ele um panorama do que estava acontecendo com a literatura em língua portuguesa no cenário Europeu, além de permitir que o monarca construísse relações com esses literatos. A correspondência entre o imperador e Herculano continuou a ser trocada nos anos seguintes, período em que o escritor lhe enviou informações sobre as obras que publicou na fase final de sua carreira e que, às vezes, eram enviadas ao Brasil para que fossem lidas pelo monarca. Entre os títulos mencionados nas cartas, é possível citar a *História do Estabelecimento da Inquisição*, os volumes da *História de Portugal*, o *Monasticon* e as *Lendas e Narrativas* (Herculano *apud* Sodré, 1947).

Ao longo dos anos, Pedro II também travou relações com outros intelectuais portugueses, como Camilo Castello Branco, José da Silva Mendes Leal e Guerra Junqueiro. Em quase todas as cartas, há menções a obras que haviam acabado de ser publicadas e que estavam sendo enviadas para o imperador brasileiro. Na ocasião em que o monarca se encontrava na Europa, por exemplo, Castello Branco escreveu a ele sobre o seu difícil estado de saúde, que o impedia de visitá-lo no Porto: “[...] além das nevralgias que me forçam a gritar, estou febril, cego e surdo. Não queira Vossa Majestade presenciar este horrendo espetáculo” (Castello Branco *apud* Sodré, 1947, p. 182). Ele não deixou, porém, de lhe enviar um de seus livros: “[...] ontem recebi da Suécia a versão do meu romance *Amor de Perdição*. Permita-me Vossa Majestade que lha ofereça. Provavelmente é Vossa Majestade o único intérprete que esse livro terá em Portugal” (p. 182).

Ao longo dos anos, outros escritores também lhe enviaram suas obras com interesse de promover seu reconhecimento no Brasil e conseguir apoio do imperador, fazendo com que seus escritos circulassem em solo brasileiro. Esse interesse fica claro no caso de Abílio Manuel Guerra Junqueiro, que, em 1877, enviou livros para o monarca e para a sua família, além de ter expressado o desejo de fazer parte do currículo das escolas brasileiras:

Tenho a honra de enviar-lhe – a *Morte de d. João* e a *Tragédia Infantil* [...]. Não sei se abuso da benevolência de v. ex.a fazendo-lhe o seguinte pedido. Desejava que [...] o governo brasileiro tomasse 2 ou 3 mil exemplares de um pequeno livro de versos para as escolas, no gênero de *Tragédia infantil*, que também fará parte do volume. Será um livro de 150 páginas, pouco mais ou menos, e em que nunca perderei de vista,

como na *Tragédia infantil*, o fim especial a que se destina (Guerra Junqueiro *apud* Sodré, 1947, p. 183).

Missivas como essas mostram que o monarca não era o único interessado em estabelecer relações por meio da literatura em língua portuguesa: para os autores, também era importante tentar agradá-lo com o objetivo de obter mais reconhecimento e alcançar o público leitor brasileiro. O mesmo interesse fica claro na correspondência de José da Silva Mendes Leal. Em carta enviada em 1872, agradeceu a autorização recebida para se corresponder com o imperador e pediu um lugar entre seus amigos portugueses: “[...] em Portugal, irmão do Brasil, tem Vossa Majestade numerosíssimos admiradores; tem mais, tem verdadeiro amigos. Dignar-se-ia Vossa Majestade conceder-me um lugar entre estes – entre os mais modestos, posto que não entre os menos dedicados?” (Mendes Leal *apud* Sodré, 1947, p. 141).

Nos anos seguintes, relatou ter recebido livros do imperador e, em 1877, lamentou-se pela morte de Herculano e afirmou que, agora, caberia a ele a tarefa de continuar “[...] um novo estudo que lhe estava destinado, e deve acompanhar uma edição monumental do *Lusíadas* que se prepara na Alemanha” (Mendes Leal *apud* Sodré, 1947, p. 157). Sua ideia para essa nova obra era a de “aquilatar o poema de Camões sob o ponto de vista de ciência e filologia contemporânea” (p. 157), e ele pediu a opinião de Pedro II sobre isso: “[...] aprova Vossa Majestade? Por ora não faço senão reunir as notas prévias indispensáveis” (p. 157). A obra completa seria enviada ao imperador três anos depois, quando escreveu: que havia enfim terminado o trabalho “[...] respeitante a Camões e aos *Lusíadas* [...]. Em poucas semanas, espero, poderá Vossa Majestade, juiz tão altamente competente, apreciar esse estudo crítico [...]. Não oculto a Vossa Majestade que espero com ansiedade a sua sentença” (p. 159).

Mendes Leal também utilizou a carta de 1877 para comentar o estado da literatura produzida em Portugal naquele momento, afirmando que o movimento literário era “quase nulo”, pois “[...] desgraçadamente a literatura ignara da indústria jornalística afogou aos primeiros passos a renascença iniciada por Garret, Herculano e Castilho” (Mendes Leal *apud* Sodré, 1947, p. 157). Isso ocorreria, em parte, devido ao mercantilismo, que tinha se tornado “em toda a parte o veneno corruptor da ciência, das letras, – e até da política” (p. 157). Por meio desse apontamento, criticou a literatura produzida apenas pelo seu valor financeiro ou buscando o sucesso em meio ao público

leitor, que estava sendo “adulado nas suas íntimas paixões e piores instintos” (p. 157-158).

Essa missiva revela que as discussões sobre literatura que estavam sendo realizadas naquele momento nem sempre estavam relacionadas ao texto literário, ao seu estilo ou ao seu uso político. Discutia-se, também, a diferença entre uma literatura feita com objetivos puramente artísticos e aquela produzida para agradar ao público ou visando ganhos financeiros. O imperador ocupava um papel interessante nesse contexto, pois recebia tanto pedidos de auxílio financeiro por parte de escritores que queriam que suas obras em língua portuguesa fossem vendidas no Brasil quanto solicitações para que desse sua opinião sobre a qualidade literária de livros e de obras críticas. Esses dois objetivos estavam unidos em sua tentativa de pensar a literatura brasileira e de construir relações com pessoas relevantes no período – o que faria com que se correspondesse também com autores estrangeiros.

2 A imagem externa do imperador: a correspondência de Pedro II com autores estrangeiros

O desejo que Pedro II tinha de construir uma rede de contatos com pessoas relevantes para a literatura levou-o a trocar correspondência com escritores que publicavam em língua francesa, italiana ou inglesa. Esse é o caso do conde de Gobineau, autor do polêmico *Essai sur l'inégalité des races humaines*, de 1855, no qual discute a razão da ascensão e queda das grandes civilizações, atribuindo-a à mistura de raças que ocorre quando um povo domina e coloniza um território (Gobineau, 1967).

A amizade entre Pedro II e o conde se iniciou em 1869, quando ele veio ao Brasil para participar de uma missão diplomática, e o imperador, que já o conhecia por suas obras literárias, recebeu-o com simpatia (Raeders, 1938). A partir desse período, os dois mantiveram contato por meio da troca de correspondência, nas quais assuntos relativos à literatura francesa e inglesa eram frequentemente mencionados. Outro ponto de destaque eram as obras do próprio Gobineau, que ele mesmo encaminhava ao monarca (Raeders, 1938; Assumpção, 2021).

Obras em língua portuguesa também eram tema de conversa – principalmente aquelas traduzidas pelo próprio imperador⁸. Por esse motivo, enviou a Gobineau, em

⁸ Ao longo de sua vida adulta, Pedro II dedicou-se também à tradução de diversas obras, como *As Mil e uma Noites* (traduzida diretamente do árabe), o livro hindu *Hitopadesa* (do sânscrito), *A Divina Comédia*

1870, o manuscrito da tradução que estava fazendo da tragédia *Prometeu acorrentado*, de Ésquilo. A isso, o conde respondeu: “[...] terei em breve a honra de vos enviar, Senhor, algumas notas para o *Prometheu* que eu bem quizera ver terminado e em versos. Seria um lindo monumento e a elle dou grande importancia” (Gobineau *apud* Raeders, 1938, p. 20-21). Algum tempo depois, em missiva de janeiro de 1871, voltou a tocar no assunto, afirmando que a decisão do monarca de continuar sua tradução era muito agradável e lhe causava prazer extremo (p. 34-35). Ele fez, ainda, um comentário sobre o seu formato: “[...] desejaria infinitamente que a traducção fosse em versos. Parece-me que o portuguez presta-se perfeitamente às conformidades metricas da tragedia de Eschylo e isto não seria, a meu ver, um grande accrescimo de trabalho. Peço a Vossa Magestade que pense nisto” (p. 34-35).

Nota-se, assim, que, mesmo em sua correspondência com autores estrangeiros, as produções em língua portuguesa continuavam sendo relevantes e colaboravam para o estabelecimento de relações transnacionais e para a circulação de obras antigas ou recém-publicadas. As traduções de Pedro II também foram assunto de cartas trocadas com intelectuais de outros países, como Alessandro Manzoni. Sua admiração pelo autor italiano fez com que ele se dedicasse a traduzir para o português uma de suas odes, intitulada *Il Cinque maggio*.

Pedro II iniciou sua conversa epistolar com esse escritor sem tê-lo conhecido pessoalmente e em um período em que ainda iniciava sua vida política. A primeira missiva foi escrita em junho de 1851: “[...] seria muito agradável para mim obter algumas estrofes da imortal *Cinque Maggio*, escrito pelo autor de *Promessi Sposi*” (Alcântara *apud* Gordon, 1955, p. 15). Em sua carta, o monarca brasileiro pediu uma cópia do poema que o escritor italiano havia escrito muitos anos antes, em 1821, por ocasião da morte de Napoleão Bonaparte. Essa obra, em que a morte de Bonaparte e alguns de seus feitos são narrados, foi bem-recebida na Europa e, nesse período, já havia sido vertida por Lamartine para o francês, por Goethe para o alemão e por Longfellow para o inglês (Gordon, 1955, p. 9), o que pode ter gerado em Pedro II o desejo de traduzi-la e de utilizar essa tradução para iniciar um contato direto com o escritor.

(do toscano) e *A Araucana* (do espanhol). Sobre a atividade tradutória de Pedro II ao longo da vida, ver Romanell (2013).

A resposta chegou em 18 de maio de 1852, quando Manzoni enviou-lhe uma cópia manuscrita da ode⁹, mostrando-se agradecido pelo “pedido inesperado e muito honrado, que lhe vem de tão alto”¹⁰ (Manzoni *apud* Gordon, 1955, p. 15). Ele não deixou, ainda, de utilizar o espaço da missiva para expressar “[...] o feliz desejo de que essa mesma Augusta Pessoa fosse destinada à tarefa ainda mais gloriosa de pôr um fim à escravidão em um vasto território”¹¹, o que reconheceu como sendo “um empreendimento longo e difícil”¹², ainda que não fosse “vão esperá-lo de um poder vindo de uma vontade firme e prudente para o bem e de uma juventude já ilustre e abençoada pelo céu”¹³ (p. 15). Esse exemplo mostra, mais uma vez, como os assuntos literários estavam relacionados também a questões políticas, que envolviam não apenas a criação da literatura nacional, mas também a discussão de outros problemas que assolavam a sociedade brasileira do período, como a escravidão.

Em sua resposta, enviada em agosto de 1852, Pedro II não fez nenhuma menção direta ao apelo pelo fim da escravidão, mas explicou o motivo do seu pedido e a admiração que tinha pela obra do autor:

Meu pedido, que deveria, como era de se esperar, surpreendê-lo, foi apenas uma tênue prova do interesse que suas obras literárias despertaram em mim desde a tenra idade, e durante muito tempo eu nutria o desejo de que essa demonstração de estima chegasse a você, vinda de um país tão distante¹⁴ (Alcântara *apud* Gordon, 1955, p. 15).

Esse tipo de correspondência traz indícios de como a política e a literatura caminhavam juntas no período. O monarca utilizou suas atividades tradutórias para entrar em contato com um escritor italiano, que, por sua vez, aproveitou a resposta à carta para fazer um apelo sobre o fim da escravidão. A troca de informações protagonizadas pelos dois também demonstram a grande circulação de obras literárias no século XIX, que possibilitavam a importação de obras internacionais tanto na Europa quanto no continente

⁹ O texto manuscrito da ode enviada por Manzoni encontra-se até hoje no arquivo do Museu Imperial de Petrópolis. Ver Gordon (1855).

¹⁰ *Inaspettata e troppo onorevole richiesta, che gli viene così da alto. Todas as traduções das cartas trocadas entre Pedro II e Manzoni foram feitas por mim.*

¹¹ *Esprimere insieme il lieto augurio, che codesta medesima Augusta Persona sia destinata all’importarla ancora più gloriosa di far cessare la schiavitù in un vastissimo territorio.*

¹² *Impresa difficile lunga.*

¹³ [...] *ma che non è vano sperare dal potere vinto a una ferma e prudente volontà del bene, e da una giovinezza già ilustre e benedetta dal cielo.*

¹⁴ *La mia richiesta, che doveva, come era da sperare, sorprenderlo, fu meramente una debole prova dell’interesse, che, resse stessa tenera età, mi destarono i suori lavori letterarii, e, già lungo tempo, nodriva il desiderio che gli arrivasse questa dimostranza di stima, da un paese così lontano.*

americano (Abreu, 2016). Foi esse contexto que permitiu que Pedro II identificasse divergência entre a cópia italiana de *Il Cinque Maggio* e duas traduções dessa obra para o francês, publicadas em Paris nos anos de 1833 e 1836¹⁵ (Alcântara *apud* Gordon, 1955, p. 16). Em sua carta, o imperador explicou sua dúvida em relação às alterações: “[...] em relação a duas delas devo julgar que houve engano na primeira, e na segunda posso suspeitar de inadvertência [...] – e quanto às outras, em vista da maior força ou exatidão das palavras usadas, não permitem que a poesia me ressoe agradavelmente” (p. 16).

A esses questionamentos, Manzoni respondeu, em carta de abril de 1853, que não conhecia essas edições estrangeiras de sua obra¹⁶ (Manzoni *apud* Gordon, 1955, p. 17). A uma outra pergunta do imperador, que incluiu em uma das missivas o pedido de indicações de bons escritores de prosa, o escritor respondeu que não poderia oferecer muita ajuda, pois não acompanhava de perto a produção de escritores italianos modernos (p. 18). Isso não impediu que Pedro II estabelecesse relações com alguns outros autores, como Cesare Cantù, com quem trocou algumas missivas. Em outubro de 1877, por exemplo, o escritor escreveu-lhe que estava feliz pelo bom retorno que ele havia feito ao Brasil após a sua viagem aos Estados Unidos e pelo fato de o monarca ter demonstrado que tinha familiaridade com suas obras mais antigas, aproveitando para enviar-lhe uma das mais recentes, intitulada *Della Indipendenza Italiana*¹⁷ (Cantù, 1877).

A rede de contatos do imperador e o uso dela para estabelecer diálogos políticos e construir sua imagem de monarca sábio e amigo das letras não estava restrita ao continente europeu. Na época em que se correspondeu com Cantù, ele havia acabado de retornar de uma viagem aos Estados Unidos, realizada em 1876. Na ocasião, sua chegada a Nova Iorque chamou a atenção: “[...] afinal, era a primeira vez que um monarca pisava em território norte-americano (independente) e se tratava sobretudo de ‘*the only American Monarch*’” (Schwarcz, 1998, p. 552). Por isso, ele e a imperatriz despertaram muito interesse, e os jornais do período se dividiram “entre exaltar o lado cosmopolita do monarca brasileiro e destacar a singularidade do nosso reino tropical” (p. 552).

¹⁵ Mi riferisco a qualche versi differenti di quelli che leggo nelle due edizioni, che ne posiedo – I quattri poeti italiani ora publicati, secondo l’edizione del 1833, da A. Battense, Parigi presse Lefèvre librajo, Baudry librajo. 1836 – Opere complete d’Alessandro Manzoni.

¹⁶ [...] e due edizioni di cui mi fa cenno, io non le ho mal viste, e non potrei procurarmele, avendo io medesimo fatta istanza perchè non fosse permessa l’entrata all’edizioni straniere de’ miei scritti.

¹⁷ Essa obra começou a ser publicada em 1873, mas seu terceiro volume veio à luz somente em 1877, na cidade de Turim. No original: “Me consenta di venire a congratularmi del sue felice ritorno nel paese, che é fortunati di averlo a sourano. [...] e poiche abbe la vontá di mostrar di conoscere le opere mie vecchie, demando licenza a V. M. di presentarle l’ultima, la cronistoria dell’Indipendenza Italiana”.

Durante a viagem, o imperador visitou a Exposição Universal da Filadélfia, além de ter aproveitado a ocasião para conhecer o país em que viviam alguns intelectuais com os quais já se correspondia desde a década de 1860. Entre seus colegas estabelecidos na América do Norte, estavam o missionário James Cooley Fletcher e os escritores John Greenleaf Whittier e Henry Wadsworth Longfellow. Fletcher já havia estado no Brasil entre os anos de 1851 e 1865. Em 1857, publicou o livro *O Brasil e os brasileiros*, no qual narrava suas observações, em meio às quais incorporou partes do livro *Reminiscências de viagens e permanências no Brasil*, que, em 1845, havia sido publicado pelo reverendo Daniel Parish Kidder, missionário metodista que permaneceu no país entre 1836 e 1842. Durante sua estadia no Brasil, Fletcher foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), onde conviveu com Pedro II.

A amizade continuou sendo mantida ao longo dos anos e, após voltar aos Estados Unidos, o missionário continuou mantendo contato frequente com o imperador, além de ter colaborado para o estabelecimento de relações entre ele e outros intelectuais, como o escritor Whittier. Em 1864, quando ainda estava no Brasil, ele já se encarregava de enviar ao imperador obras que haviam sido publicadas na América do Norte e também representou um papel importante ao divulgar informações sobre o Brasil no estrangeiro. Indícios dessa atuação podem ser facilmente visualizados em suas cartas. Em julho de 1864, escreveu a Pedro II: “[...] aproveito a ocasião da visita do Sr. Bourget¹⁸ ao palácio de São Cristóvão para enviar a Vossa Majestade a cópia autografada da tradução do Sr. M. M. Lisboa do belo *Red River Voyageur*”¹⁹ (Fletcher *apud* James, 1952, p. 51).

A obra mencionada é um poema de John Greenleaf Whittier e, como recompensa pelo seu envio, Fletcher afirmou que o senhor Bourget, que então trabalhava como preparador de objetos de História Natural, tinha a intenção de preparar um pássaro conhecido pelo nome de Alma Perdida²⁰, o que acreditava que seria “uma ótima gratificação para o nobre poeta e bom homem” pois ele, como Longfellow, teria “um caráter imaculado”²¹ (Fletcher *apud* James, 1952, p. 51-52).

¹⁸ Bourget trabalhava, na época, como preparador de objetos de História Natural e coletava espécimes para Louis Agassiz antes e depois de sua expedição ao Brasil. Ver James (1952).

¹⁹ I profit by the occasion of Mr. Bourget's visit to the palace of Saint Christopher to send Your Majesty the autograph copy of Mr. M. M. Lisboa's translation of Whittier's beautiful *Red River Voyageur*. Todas as traduções das cartas de Fletcher, Whittier e Longfellow presentes neste texto foram feitas por mim.

²⁰ Pássaro nativo da América Latina, cujo nome científico é *Piaya cayana* e que era conhecido como “cuco brasileiro”.

²¹ Mr. Bourget, who, I rejoice, goes at your Majesty's command to the Imperial Fazenda de Santa Cruz, has the intention to prepare an Alma Perdida for Mr. Whittier which, I have no doubt, will be a very great gratification to the noble poet and the good man, for he, like Longfellow, has a character unstained.

A partir de uma carta enviada pelo reverendo no mesmo ano, é possível inferir que a ideia do presente tinha como base o poema de Whittier intitulado *Cry of a lost Soul* e publicado inicialmente no periódico *The Independent*, em Nova Iorque. Seus versos são baseados em uma tradição indígena que envolvia o canto do pássaro Alma Perdida [*Lost Soul*] – o mesmo que foi enviado como presente a Whittier por intermédio de Fletcher. Após ler o poema, Pedro II realizou sua tradução para o português, que foi elogiada na carta do reverendo: “[...] eu espero que Sua Majestade Imperial perdoe minha aparente negligência em responder e reconhecer sua excelente tradução de *Alma Perdida*”²² (Fletcher *apud* James, 1952, p. 55). Em seguida, ele fez uma referência aos pássaros enviados ao poeta e pediu desculpas por não ter encaminhado a Pedro II a tradução que o poema já havia recebido para o português, feita por Pedro Luís Pereira de Souza e publicada há pouco tempo no *Diário do Rio de Janeiro* (p. 55-56).

Essa missiva revela que as atividades tradutórias de Pedro II iam além de textos clássicos e bíblicos (Romanelli, 2013), pois ele também estava envolvido com a tradução de obras que haviam sido recentemente publicadas em periódicos e que lhe eram enviadas por intermédio de seus colegas e amigos. Whittier enviaria uma carta agradecendo sua tradução do poema em 18 de março de 1865: “[...] fiquei surpreso e muito gratificado ao receber, por meio do meu excelente amigo, James C. Fletcher, sua tradução autografada do meu pequeno poema, ‘The Cry of a Lost Soul’”²³ (Whittier *apud* James, 1952, p. 64). Embora ele não tenha conseguido compreender o poema em português, afirmou que “[...] um amigo literato bem qualificado para julgá-lo declarou que é uma interpretação perfeita e feliz dos versos originais”²⁴ (p. 64-65).

Em sua carta, Whittier também fez elogios de caráter político, em que mencionou a prática literária e científica do imperador: “[...] há muito tempo [...] tenho um grande respeito pelo homem e governante iluminado de um grande império, que, fiel a todos os seus deveres públicos, encontra lazer para o cultivo das artes que enfeitam e elevam a humanidade”²⁵ (Whittier *apud* James, 1952, p. 65). Aproveitou, ainda, para agradecer ao monarca pela “atitude amigável do governo brasileiro em relação ao meu país sofredor

²² I hope Your Imperial Majesty will pardon my apparent neglect of answering and acknowledging Your Majesty's very excellent translation of the Alma Perdida.

²³ I was surprised and highly gratified on receiving through my excellent friend, James C. Fletcher, thy autograph translation of my little poem, ‘The Cry of a Lost Soul’.

²⁴ I am unable, I regret to say, to read it myself, but a literary friend well qualified to judge of it pronounces it a very perfect and felicitous rendering of the original verses.

²⁵ I have long, in common with all our literary and scientific men, cherished a high respect for the humane and enlightened ruler of a great empire, who faithful to all his public duties, finds leisure for the cultivation of the arts which adorn and elevate humanity.

na hora de sua grande provação”²⁶ (p. 65). Ele refere-se, provavelmente, à Guerra de Secessão, que seria oficialmente encerrada apenas em abril de 1865, e também fez uma referência ao fim da escravidão: “[...] nossa terrível luta parece estar terminando e tudo indica que, com a retirada do elemento maléfico e perturbador da escravidão, devemos ser doravante um povo verdadeiramente unido”²⁷ (p. 65).

Fletcher também enviava constantemente obras de Longfellow a Pedro II. Em quatro agosto de 1864, afirmou que estava encaminhando, junto à carta, a publicação mais recente do autor: “[...] anexado, Vossa Majestade encontrará o último poema do Sr. Longfellow, publicado no mês de junho. Estou certo de que Vossa Majestade vai considerá-lo encantador em seu estilo oriental antigo”²⁸ (Fletcher *apud* James, 1952, p. 52). Menos de 10 dias depois, enviaria ao monarca outra de suas produções: “[...] encaminho a Vossa Majestade um poema do Sr. Longfellow que veio pelo último vapor inglês e, portanto, é mais atual do que o ‘Kalif de Baldacca’”²⁹ (p. 54). Ele aproveitou para agradecer o interesse do soberano pelos poetas americanos, que incentivava a leitura de suas obras no Brasil: “[...] estou feliz por encontrar tantos admiradores de nossos poetas americanos no Rio de Janeiro, o que sem dúvida vem do fato de Vossa Majestade ter um interesse tão profundo em nossa literatura”³⁰ (p. 54). Como exemplo, citou a tradução de *Cry of a Lost Soul*, feita por Pedro Luís Pereira de Souza – na qual viu “uma grande quantidade de habilidade poética” –, uma tradução de *The Children’s Hour* (parte final do poema *Wayside Inn*, de Longfellow), que Manoel Pacheco da Silva, diretor do Colégio Pedro II, havia lhe mostrado e o fato de que Francisco Octaviano de Almeida Rosa, diplomata brasileiro, havia lhe dito que começou a ler as obras de Longfellow³¹ (p. 54).

²⁶ I cannot lose this opportunity to thank thee from my heart for the friendly attitude of the Brazilian government toward my suffering country in the hour of her great trial.

²⁷ Our terrible struggle seems drawing to a close and everything indicates that, with the withdrawal of the evil and disturbing element of slavery, we are to be henceforth a truly united people.

²⁸ Enclosed your Majesty will find Mr. Longfellow’s last poem, published in the month of June. I am sure that your Majesty will find it charming in its quaint Oriental style.

²⁹ I enclose to Your Majesty a poem 16 of Mr. Longfellow which came by the last English steamer, and is therefore later than the Kalif of Baldacca.

³⁰ I am glad to find so many admirers of our American poets in Rio de Janeiro, which doubtless comes from the fact that Your Majesty takes so deep an interest in our literature.

³¹ Yesterday I had the pleasure of reading a beautiful translation of the ‘Cry of a lost Soul’ by Your Majesty’s faithful and talented subject Sr. Pedro Luiz in whom I find a great deal of poetic ability. Today, while on a visit to the College of Pedro II, Your Majesty’s ever loyal Regent of that Academy of learning, Dr. Manoel Pacheco da Silva, read me a most exquisite translation in verse of ‘The Children’s Hour’, which is, as Your Majesty will remember, in the latter part of the ‘Wayside Inn’. And to add to the above list let me say that Sr.

O conhecimento da literatura estadunidense pelo imperador também era valorizado em alguns periódicos do período. Em agosto de 1867, o *Diário do Rio de Janeiro* publicou a tradução de um artigo que saiu originalmente no *New Bedford Mercury*, no qual se lê:

Pode-se dizer com toda a força da verdade que D. Pedro II, Imperador do Brasil, é no seu todo um perfeito rei. [...]

Com tal chefe à testa dos negocios publicos, não é de admirar que o Brasil caminhe largamente na senda do progresso. O homem cujo amor á sciencia foi com tanto ardor manifestado no auxilio que prestou a Agassiz em suas explorações dos thezouros naturaes do Imperio, que tem achado tempo para traduzir os poemas de Longfellow e Whittier e cultivar relações litterarias com estes seus autores favoritos, que tem profundo conhecimento de todos os assuntos politicos, bem como scientificos e litterarios, deve exercer uma influencia poderosa e benefica sobre seu Imperio (*Diário do Rio de Janeiro*, 6 de agosto de 1867).

Com base no artigo, é possível perceber que o círculo de amizades que Pedro II mantinha com intelectuais estrangeiros – bem como a sua prática do estudo e da tradução, que era difundida por meio desses relacionamentos e por sua atuação junto ao IHGB – era importante para a manutenção da sua imagem como um monarca amigo das letras e mecenas das artes. O imperador trocou também cartas com o próprio Longfellow. Em novembro de 1864, o poeta afirmou ter gostado da tradução de um de seus poemas: “[...] tive a honra de receber a bela versão de Vossa Majestade de *King Robert of Sicily*, e peço licença para oferecer meu reconhecimento e agradecimento por essa marca de sua consideração”³² (Longfellow *apud* James, 1952, p. 60-61). Em seguida, afirmou ter gostado do resultado da tradução, que é “[...] muito fiel e muito bem sucedida. A duplas rimas dão uma nova graça à narrativa, e os sons da velha lenda soam muito musicais com os acentos suaves da língua portuguesa”³³ (p. 60-61). Nota-se, com esse último exemplo, que as traduções de Pedro II eram, muitas vezes, lidas e comentadas por seus próprios autores e utilizadas como meio para construir esse tipo de relação com outros intelectuais.

Considerações finais

³² The translation is very faithful and very successful.

³³ The double rhymes give a new grace to the narrative, and the old Legend sounds very musical in the soft accents of the Portuguese.

No século XIX, em meio ao processo de construção das nacionalidades (Thiesse, 2001) e de circulação dos impressos (Abreu, 2016), a literatura era uma importante ferramenta que permitia às nações recuperar seu passado histórico, determinar seus alicerces culturais e compartilhá-los com outros países por meio do mercado livreiro. No Brasil, o processo de construção da nação no período posterior à Independência deu-se, em grande medida, ao mesmo tempo em que era necessário formar o novo monarca, que deveria suceder o pai após a abdicação de Pedro I no ano de 1831. A formação ampla de Pedro II, que incluiu o estudo da literatura e de diversas línguas (Assumpção, 2023), possibilitou sua atuação bastante ativa junto ao IHBG e o estabelecimento de relações próximas com escritores da época. Sua imagem de letrado favoreceu também as relações internacionais do Brasil, tendo em vista que, por meio de sua correspondência, o monarca divulgava a literatura brasileira e mostrava-se como um soberano interessado pela cultura e pelas atividades artísticas e literárias.

Os indícios de relações estabelecidas por ele estão presentes em sua correspondência. Nas cartas trocadas com autores do período, era comum a menção a obras e textos em língua portuguesa, fossem eles produzidos pelo próprio monarca – como no caso das traduções que fez dos poemas de Manzoni, Whittier e Longfellow – fruto de seu financiamento ou de suas ações políticas, como é o caso da *Confederação dos Tamoios* ou das obras que lhe eram enviadas pelos próprios autores, que desejavam ter acesso ao público leitor brasileiro. Nas cartas, era comum que os assuntos voltados à política e à literatura fossem mesclados e que indicações literárias estivessem ao lado de apelos pelo fim da escravidão ou de informações sobre guerras e conflitos.

Dessa forma, nota-se que, no Brasil do século XIX, a literatura em língua portuguesa foi utilizada por Pedro II com o objetivo não apenas de disseminar a imagem de monarca culto e amigo das letras – presente em muitas de suas biografias –, mas também de construir relações de apoio político e cultural e de refletir sobre a literatura dentro de um contexto que permitia a circulação transatlântica de impressos.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. (org.). **Romances em movimento**: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914). Campinas: Editora Unicamp, 2016.

ALCÂNTARA, P. Reflexões às cartas sobre a Confederação dos Tamoios, assinadas por Ig. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, Suplemento ao número 217, p. 2, 6 de agosto de 1856. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_04&Pesq=tamoyos&pagfis=10240. Acesso em: 18 jan. 2025.

ALCÂNTARA, P. Cartas a Alessandro Manzoni. In: GORDON, L. Cartas de d. Pedro II a Manzoni. **Anuário do Museu Imperial**, Petrópolis, v. 16, 1955.

ALENCAR, J. **Cartas sobre a Confederação dos Tamoios**. Rio de Janeiro: Empreza Typographica Nacional do Diário, 1856.

ASSUMPÇÃO, L. “É boa leitura, mas para momentos de lazer”: a leitura dos romances de Walter Scott pelo imperador Pedro II. **O Eixo e a Roda**, Belo Horizonte, v. 30, n. 4, p. 47-71, 2021. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/51897. Acesso em: 25 jan. 2025.

ASSUMPÇÃO, L. **O monarca leitor: a formação literária e as práticas de leitura do imperador Pedro II**. 2023, 406 p. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Disponível em: <https://www.repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1268146>. Acesso em: 18 jan. 2025.

BLAKE, A. V. A. S. **Diccionario bibliographico brasileiro**. v. 6. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900.

BRANDÃO, F. **Quinta parte da Monarchia Lusitana**: que contem a historia dos primeiros 23 annos Del Rey D. Dinis. Lisboa: Officina de Paulo Craesbeeck, 1650.

CAMPOS, J. P. **O Senhor D. Pedro II, Imperador do Brasil**: biographia. Porto: Typographia Pereira da Silva, 1871. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7230>. Acesso em: 25 jan. 2025.

CANTÙ, C. **Carta a Pedro II de 19 de outubro de 1877**. Arquivo da Casa Imperial, Museu Imperial de Petrópolis, Rio de Janeiro, Maço 177, documento 8119.

CARTAS de Gonçalves Dias a dom Pedro II. **Anuário do Museu Imperial**, v. 11, Petrópolis, p. 221-269, 1950. Disponível em: <https://museuimperial.museus.gov.br/anuariosdomuseuimperial/>. Acesso em: 18 jan. 2025.

CHARTIER, R. (org.). **Práticas da leitura**. Trad. Cristiane do Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

Folhetim: ao acaso. **Diário do Rio de Janeiro**, ano 44, n. 231, 22 de agosto de 1864. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=094170_02&pasta=ano%20186&pesq=Whittier&pagfis=18916. Acesso em: 18 jan. 2025.

GOBINEAU, A. **Essai sur l'inégalité des races humaines (1853-1855)**. Paris: Éditions Pierre Belfond, 1967.

GORDON, L. H. Cartas de d. Pedro II a Manzoni. **Anuário do Museu Imperial**, Petrópolis, v. 16, p. 5-27, 1955. Disponível em: <https://museuimperial.museus.gov.br/wp-content/uploads/2020/09/1955-Vol.-16.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2025.

Imprensa americana: More chains broken. **Diário do Rio de Janeiro**, ano 50, n. 201, 6 de agosto de 1867. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=094170_02&pasta=ano%20186&pesq=Whittier&pagfis=22141. Acesso em: 18 jan. 2025.

Infância e adolescência de d. Pedro II: documentos interessantes publicados para comemorar o primeiro centenario do nascimento do grande brasileiro ocorrido em 2 de dezembro de 1825. Rio de Janeiro: Oficinas Graphicas do Archivo Nacional, 1925.

ITANHAÉM, marquês de. “Instrucções para serem observadas pelos Mestres do Senhor D. Pedro II, Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil, dadas pelo Marques de Itanhaem, Tutor do Mesmo Augusto Senhor”. Rio de Janeiro, 1838. **Infancia e adolescência de d. Pedro II**: documentos interessantes publicados para comemorar o primeiro centenario do nascimento do grande brasileiro ocorrido em 2 de dezembro de 1825. Rio de Janeiro: Oficinas Graphicas do Archivo Nacional, 1925.

JAMES, D. O imperador do Brasil e os seus amigos da Nova Inglaterra. **Anuário do Museu Imperial**, Petrópolis, v. 13, p.13-284, 1952. Disponível em: <https://museuimperial.museus.gov.br/anuariosdomuseuimperial/>. Acesso em: 18 jan. 2025.

LYRA, H. **História de dom Pedro II: 1825-1891**. São Paulo: Editora Nacional, 1938-1940.

MAGALHÃES, G. **A Confederação dos Tamoios**. Rio de Janeiro: Typographia de Paula Brito, impressor da Casa Imperial, 1856.

MOREL, M. **O período das Regências**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

RAEDERS, G. **D. Pedro II e o conde de Gobineau** (correspondências inéditas). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

Relatório do Tutor de Sua Majestade Imperial e Altezas. **Correio Oficial**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 117, p. 2, 27 maio 1839. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=749443&Pesq=roque%20schuch&pagfis=6974>. Acesso em: 18 jan. 2025.

ROMANELLI, S (org.). **Dom Pedro II: um tradutor imperial**. Florianópolis: Copiart, 2013.

SCHWARCZ, L. M. **A longa viagem da biblioteca dos reis: do terremoto de Lisboa à Independência do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SCHWARCZ, L. M. **As barbas do imperador: d. Pedro II, um monarca nos trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SODRÉ, A. Pedro II e intelectuais portugueses. **Anuário do Museu Imperial**, Petrópolis, v. 8, p. 83-183, 1947. Disponível em: <https://museuimperial.museus.gov.br/anuariosdomuseuimperial/>. Acesso em: 18 jan. 2025.

SOUSA, O. T. **História dos fundadores do império do Brasil**: a vida de d. Pedro I. Tomo 1. Brasília: Senado Federal, 2015. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/528942>. Acesso em: 18 jan. 2025.

Data de submissão: 21/08/2024

Data de aprovação: 06/11/2024